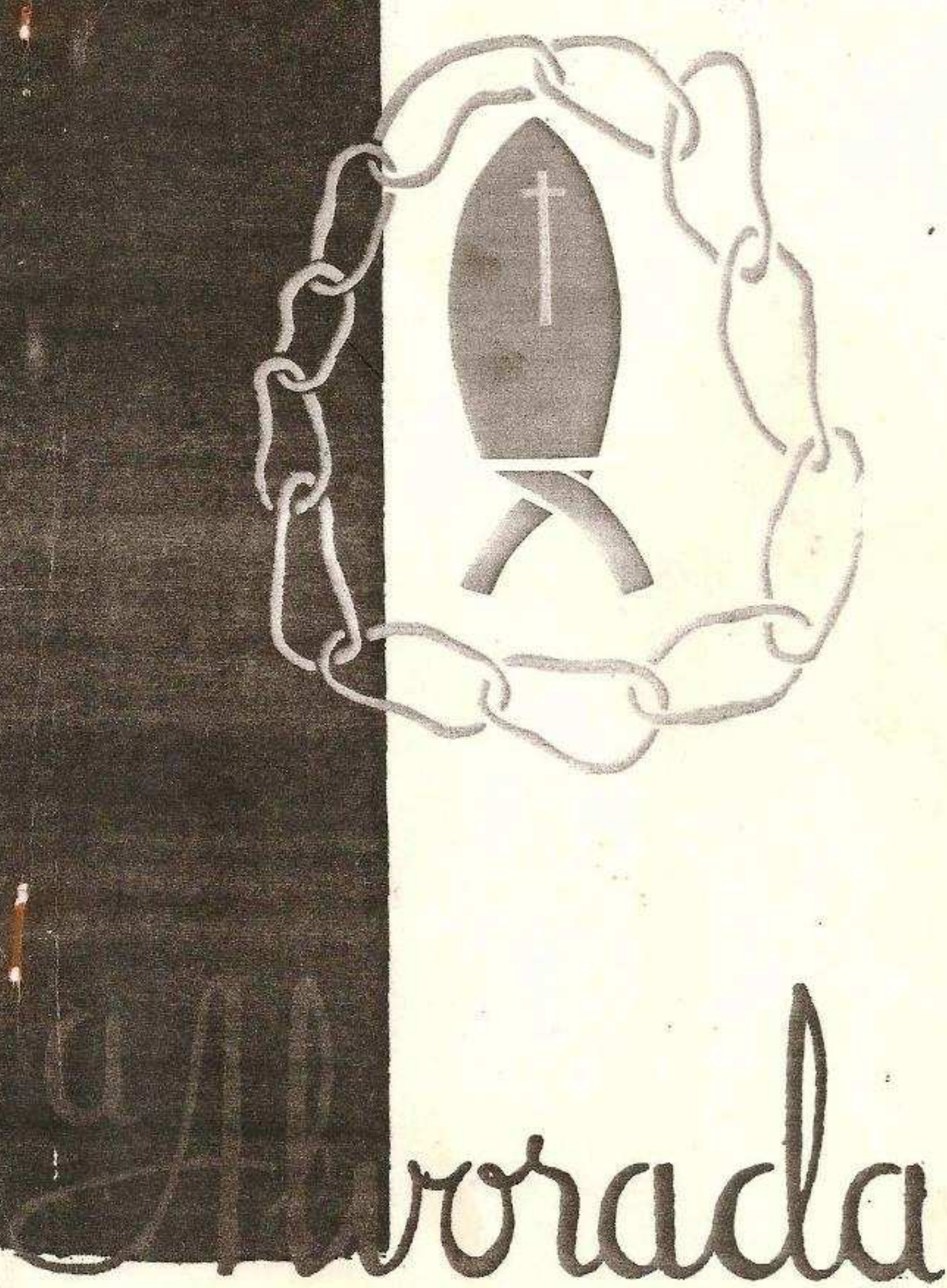

orada

A Alvorada

Porta-voz dos seminaristas franciscanos de Santos Dumont.
Nº III 1º de novembro de 1963 Ano XVI
Seminário Seráfico Santo Antônio Cx. P. 1
Santos Dumont. M. G.

Editorial

— Além do atraso, ainda vem com paginação menor!

Tentaremos explicar: Devido ao grande trabalho com a montagem da máquina impressora e desempastelamento dos tipos, o tempo foi passando. . .

Fazer só três revistas seria faltar ao compromisso. A solução era dar um "jeitinho". Resolvemos por isso, imprimir quatro, sendo as duas últimas menores.

Esperamos, contudo, que para '64 corra tudo normal, e tendo um planejamento mais eficiente não haja escassez de tempo. Mesmo assim esperamos que os leitores a apreciem.

* * *

Aproveitamos o ensejo para levar os agradecimentos de A Alvorada ao nosso idealista da imprensa, o Sr. Álvaro Miranda que, além de outras assistências e informações, nos apresentou os Srs. Pedro Ferreira Martins e João Batista Lopes.

Graças à sua generosa e eficiente colaboração de entendidos no assunto pôs-se ordem nas dependências da Alvorada e a máquina impressora, presente do Sr. Castelo Branco, acha-se em ponto de imprimir. Se a máquina ainda não vai entrar em uso neste ano é por falta do necessário treino e técnica dos nossos tipógrafos amadores.

Que êsse número dedicado a estes benfeitores seja o símbolo

Nosso Jubilando

FREI GERMANO

Siebe Fokke Terpstra nasceu no dia vinte e cinco de junho de 1919 em Franeker, Frísia.

Filho de Germen Jacobus e Margarida Jacoba Mulder. Quando menino acompanhava, nas horas de folga da escola, o pai na compra de gado, para seu açougue.

Aos doze anos já era um rapaz bonitão e atraente, louro, de cabelos ondulados, era a atração das "morenas" de sua terra.

Entrou no seminário menor de Katwijk aan de Rijn, em 5-9 32. Distinguia-se entre os demais alunos por sua piedade e grande aplicação nos estudos: era o 1º da classe. Dedicava-se também com entusiasmo aos esportes. Bom craque de futebol até quebrar acidentalmente o braço. Gostava também de natação e patinação, destacando-se em ambos os esportes.

Mostrava-se bom seminarista, até na farra.

Fêz o noviciado em Hoogcruts, sendo um noviço exemplar para todos os confrades, na piedade, disciplina e distração No noviciado era considerado gêmeo de frei José. Quando um precisava apanhar, o outro é que apanhava: Frei José era seu bode expiatório e vice-versa.

dotas para tudo e para todos, contudo o Padre Mestre deu um jeito.

Cursou a filosofia em Venray, distinguindo-se entre os demais filósofos, em inteligê cia. Chegou até a fazer conferências para 112 clérig s.

Estudou Teo'ogia em Wichen-Sittard-Weert. Durante a guerra serviu como bombeiro voluntário e de tão esperto que era, jogava os jatos de agua antes das bombas cairem.

Foi ordenado juntamente com 44 companheiros no dia 11 de março de 1945. Estudou com afinco o chinês, com intenção de ser missionário naquele país, mas, em vista das complicações políticas não conseguiu entrar ali. Voltou se então para o Brasil, vindo para cá 5-4-1948. Ficou no Rio até dezembro do mesmo ano, tomando aulas de português com o professor João Diogo. Em dezembro recebeu nomeação para o Seminário Santo Antônio de Santos Dumont, como professor. Aqui continuou seus estudos de português com Cândido Moura, hoje frei Patrício.

Como professor distinguiu-se por sua grande capacidade, enfrentando com coragem as agruras do magistério. Sempre foi um modêlo exemplar, tanto para seus confrades como para os alunos, na obediência, piedade, humildade e simplicidade. Além do mais dirige a O.T.F., Cordigeros e C.M, empenhando-se com grande zêlo para o sucesso destas agremiações. Em suas aulas tem um carinho todo especial para com a cultura francesa em nosso meio, tendo-se, inclusive, apelucoa-

Subia a Serra da Mantiqueira e por dois dias dedicava se à cura de almas. Fazia todo o trajeto a cavalo, passando, muitas vêzes, por grandes dificuldades caindo uma vez com cavalo e tudo dentro do rio, ocasião em que perdeu o breviario e tudo mais que levava consigo

Está sempre pronto para qualquer chamado, seja na cidade o fora, não se preocupando nem com a hora nem com o tempo.

Frei Germano, o seminário vê-se obrigado a expressar-lhe seu profundo sentimento de gratidão por êstes quinze anos de grande dedicação, amor e desapêgo de si proprio em benefício da formação de novos sacerdotes

Equipe: Emarílio Benedito, Vicente Morais, Lélio e Aurino

Paulo VI,

"FLOS FLORUM

MALAQUIAS:

Conquanto estudiosos já tenham desmentido e provado a inveracidade das profecias sôbre os Papas, atribuídas ao Patriarca Irlandês, Malaquias, às vésperas da eleição do nôvo Papa, novamente, o documento foi trazido à baila e as mais controvertidas suposições foram levantadas pelos jornais e revistas do mundo inteiro. Segundo a "profecia", o sucessor de João XXIII teria o título de "flos florum". Começam então a procurar o Cardeal «flor das flôres»

Durante o Conclave, a imprensa procurava vorazmente encontrar cardeais que trouxessem uma flor no seu escudo. Surge então a torrente de nomes: Motta, Siri, Roberti, Tatsuo-doi, Horni, Richauld, Mindszenty, Wiszuski e finalmente Montini. Em tôrno dessa lista surgiram as suposições mais estranhas, mas a opinião pública, mais do que nunca atenta aos acontecimentos do Vaticano, já tinha um nome: Montini.

Expectativa

O Cardeal Arcebispo de Milão, vinha para o Conclave, acompanhado pela esperança de quase todo o mundo cristão. Já se falava

O povo soube, pela primeira vez, pronunciar o seu papa.

Fumaça branca! Já temos Papa! Numa explosão de júbilo, êsse grito foi ouvido em todo o mundo.

Paulo VI e suas idéias

Não seríamos capazes de analisar à altura o pensamento de SS. Paulo VI. Para têrmos uma idéia mais ou menos objetiva da maneira como o Papa encara os vários problemas atuais, transcrevemos pronunciamentos esparsos em publicações da imprensa de todo o mundo.

João XXIII e seu legado

"Se é nossa intenção manter os olhos fixos em sua tumba, agora fechada, podemos falar de seu legado que esta tumba não pode conter, o espírito que êle difundiu à nossa era e que a morte não pode sufocar" . .

"Estaríamos então obrigados não a descreve seu passado mas sim a predize o futuro que dêle possa surgir. Que legou João XXIII à Igreja e ao mundo, que nunca poderia morrer com êle? João XXIII assinalou alguns marcos em nosso caminho, que será sábio não só recordar como também seguir.

Podemos desviar-nos da senda que êle abriu com tanta audácia na futura história da religião, a senda do universalidade, da fé católica, do ecumenismo?"

Comunismo & capitalismo:

Em 55 num Congresso em Milão:

"Nossos escritos eram bem frases se não condenatórias

Em 56, numa pastoral:

"Que os imprudentes e os infelizes que se reunem atrás do marxismo saibam que alguém os ama ainda, fortemente, imensamente, divinamente. Que êles saibam que os que continuam neste mundo a missão do Deus Crucificado pensam neles, os acompanham, os amam, e os esperam em Seu nome".

Falando aos operários de um antro comunista:

"Que vocês me escutem, meus filhos, vocês que derramaram na alma torrentes de erros Não é verdade que a luta possa gerar uma sociedade nova. Não é verdade que, sem Deus, se possa construir uma civilização"—e continuou—"eu rezo para que o barulho das máquinas de vocês se torne uma música e para que a fumaça destas chaminés vire incenso. Eu vim aqui para conhecer a vocês e prometo que os recomendarei ao Senhor".

Sôbre o capitalismo S S. lança uma declaração incisiva que bem demonstra a posição da Igreja entre capitalismo comunismo. Falando em uma fabrica milanesa:

"Os primeiros a se desligarem da religião não foram os trabalhadores, mas os grandes patrões e os grandes economistas do século passado, que tentavam basear o progresso e estabelecer uma civilização, e uma paz sem Deus e sem Cristo."

Num discurso em 1960 em que evocou "os perigos morais e socias da riqueza egoista": " A doutrina social da Igreja jamais negou a função da livre emprêsa, mas com uma condição: a de que ela não atente contra a dignidade humana e as aspirações legitimas dos operários que nela participem".

Ecumenismo:

Dirigindo-se aos protestantes, anglicanos e ortodoxos (que já não chama de "irmãos separados", mas de "irmãos", simplesmente), Paulo VI promete que êles "encontarão em Roma a casa paterna.

Questão sOcial

Montini, em varias ocasiões, referiu-se às questões sociais: "as classes mais favorecidas deveriam reconhecer o respeito que

a Igreja tem pela propriedade privada em suas formas essenciais e constantes, e severas advertências, justas e paternais, sôbre a necessidade de uma distribuição mais justa dos produtos econômicos, e sôbre a beleza da missão humana e social de uma contribuição desinteressada e generosa para a elevação das classes sociais.

Com essas idéias do Cardeal Montini, podemos vislumbrar bem nitidamente o que será seu Pontificado.

Perspectivas:

Com seu antecessor, João XXIII, o mundo não contava com um grande pontificado. A idade avançada do predescessor de Paulo VI não dava margem a grandes esperanças. Contudo João XXIII estarreceu o mundo. . .

Paulo VI, além de muito mais jovem, já era, como Cardeal ou mesmo Arcebispo uma figura de preeminência incontestável. De Paulo VI esperamos, não só a simples continuação da obra de João XXIII, mas ainda um alargamento, maior e mais produtivo, das perspectivas abertas pelo Papa da Paz.

No limiar de um nôvo reinado, a Igreja confiante, ousa esperar, por meio do nôvo Papa, as inovações, a sintonia necessária, para que não fiquemos um passo atrás, no progresso do mundo, mas tenhamos sempre uma posição de vanguarda.

Bibliografia: Manchete e recortes de Jornais.

Equipe: João Bosco, Rosário, José Gonçalo, Francisco Bianco e Antônio.

Mauro Eustáquio — 1º clássico

Havia em minha terra, uma casa enorme, semelhante às das velhas cidades mineiras. Morava lá um casal de velhinhos, já com seus noventa e tantos anos. Moravam sòzinhos. Os filhos moravam em Belo Horizonte; e o velho queria ficar lá mesmo.

Ela, forte, fazia tudo. Andava, ainda, com passos fortes. Ia à missa todos os dias: era uma beata, com aspas, não. Uma feliz diante do Senhor.

Êle, porém, mal e mal andava. Passava quase o dia todo na cama. Seu passatempo, era o jornal e o seu inseparável cigarro de palha. E como gostava de receber visitas! Com elas passava horas a fio, conversando.

Sua conversa preferida era sôbre o tempo antigo. E por isso íamos lá, sempre que podíamos. Contava-nos histórias de quando era menino; exercia com isto o cargo de professor de História do Brasil. Uma história do Brasil mais ilustrada, com o que, a gente sentia um outro gôsto pela história pátria.

— "Onde é aquêle grupo escolar, agora, era uma fazenda enorme. Tinha lá mais de cem escravos. — e contava a história da abolição da escravatura —

"Num dia de maio, meu pai recebeu uma carta, dizendo que a Princesa Isabel tinha assinado um decreto, abolindo a escravatura. Não esperei mais nada. Corri lá prá fazenda. Numa alegria doida, porque eu gostava muito dos escravos, cheguei lá, gritando: — "Os escravos estão livres! A princesa assinou"!

Os negros vieram me encontrar e contei tudo que tinha na carta. Aí começaram a farra, e de noite, foi um fuá!

Nesse tempo eu ainda era menino e gostava dos negros, E nunca mais não esqueço o dia 13 de maio de 1888. Êta Princesa Isabel! Êta mulher do coração de ouro!"

Assim, junto conosco, seus bisnetos, o vovô, passava seu tempo e sempre com seu inseparável cigarro de palha.

para conversar com o meu velho. Mas, não o pude encontrar. Morrera em junho.

— O que? perguntei-me.

— Sim, morrera! Isto quer dizer então que não o verei mais? Não conversarei mais com êle? Não ouvirei mais suas histórias, de que tanto gostava?

— Sim! Tudo isto acabou!

Foi-me muito triste aquela hora. Triste depois. Triste, também agora.

O velho trabalhara muito, vivera muito, e ainda sofria na cama. Foi bom para êle. Para nós, ruim.

Morrera, morrera o nosso velho, e consigo foram sepultadas tôdas aquelas histórias.

O Sol

Quem já apreciou bem o nascer do sol pode contar as mil maravilhas que existem ao despontar do sol.

Como é belo admirar o nascer e o declinar do sol. Se não houvesse sol seria tudo frio. O firmamento ficaria diàriamente escuro como a noite, tudo trevas espessas.

De manhã quando o sol começa a surgir por detrás das montanhas, no jardim, entre as flores, corre aquela brisa fresca e suave.

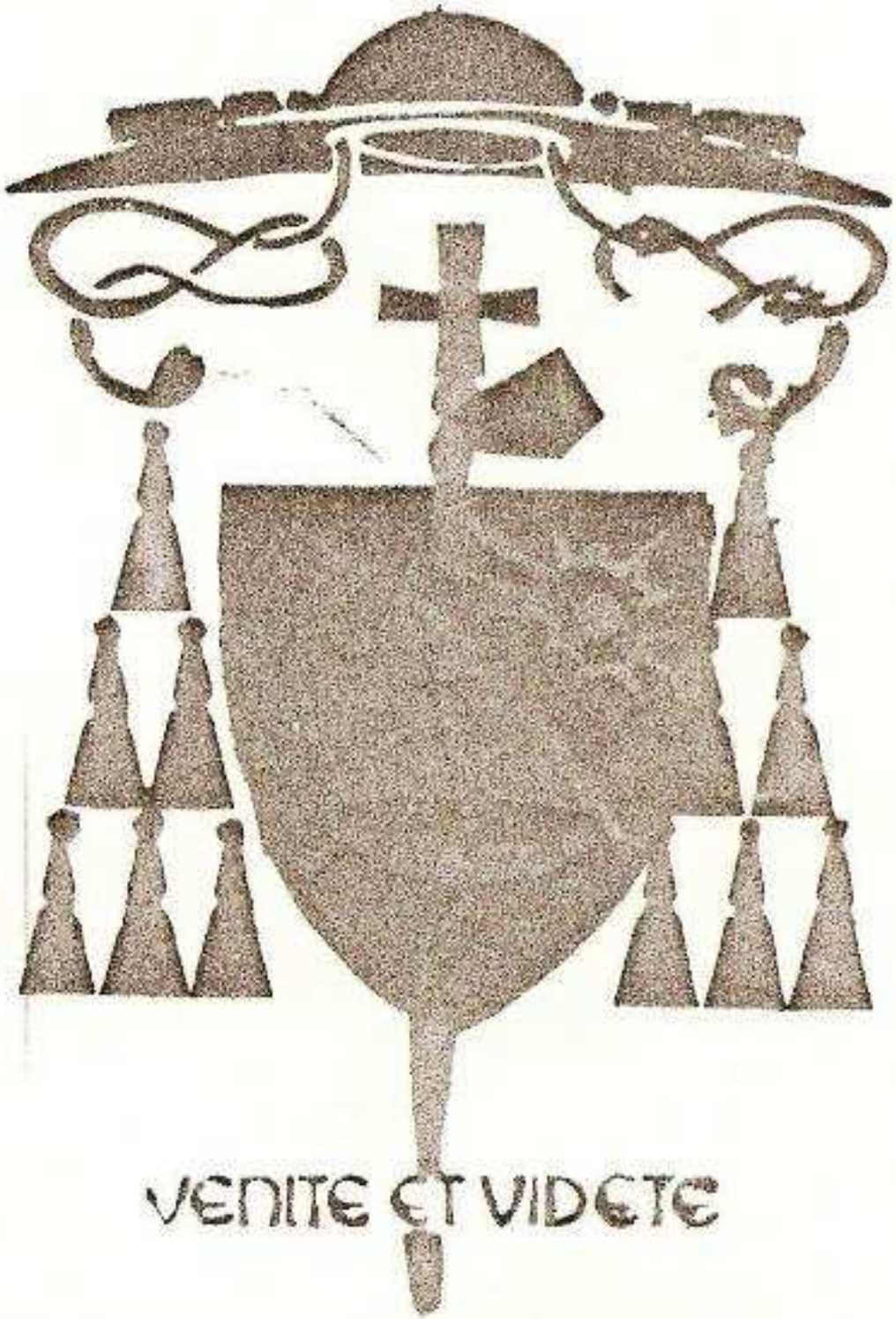
A cirene das fábricas, com seu forte som, rasga de lado a outro, o espaço, chamando os operários para que êste labute mais uma vez.

Pouco a pouco o sol vai subindo mais e faz tôdas as montanhas e colinas brilharem como um diamante.

Quando o sol aparece mais vibrante e começa a jorrar seus raios sôbre a terra, as aves voam de galho em galho e depois somem no horizonte. As borboletas tricolores dançam em zigue-zague, pelos ares.

Paulo Roberto - 1a série.

D. FR. FILIPE TIAGO BROERS O. F. M.



EXPLICAÇÃO: A barca com a cruz representa a Igreja. O sol que nasce é Cristo que ama sua Igreja, expressão da esperança, que a Igreja se renove por meio do Concílio Vaticano II. Cristo convidou as apóstolos a segui-lo dizendo: "Venite et Videte" - "Vinde e Vêde". Os apóstolos usavam o mesmo convite (Jo. 2, 37-51), e também a Igreja convida a todos: "Vinde e

D. Filipe

Chegara finalmente o dia tão esperado por todos os teofilotenses: vinte e cinco ds julho, sagração de D. Filipe.

A cidade em pêso esperava ao longo das ruas por onde devia passar a procissão de carros que, saindo da casa paroquial de N. S. de Fátima, conduzia à Catedral de Teófilo Otôni os bispos D Quirino, Sagrante e os dois co-sagrantes, D. Caetano, de Ilhéus, e D. José Maria Pires, de Arassuaí, e Mons. Filipe.

Na entrada da Catedral o cortejo episcopal foi recebido com estrondosa salva de palmas e vibrantes vivas.

O corpo e as naves da igreja ficaram literalmente tomadas pelos fiéis. Deu destaque e brilhantismo especial a presença de D. Herminio, bispo de Governador Valadares, e do grande número de Franciscanos, Capuchinhos e religiosas de diversas Congregações.

A leitura da Epistola seguiram-se as impressionantes cerimônias da sagração. Todos, em profundo silêncio e dominados por intensa comoção, acompanhavam com o mais vivo interêsse e piedade, tôdas as palavras, gestos e movimentos prescritos pelo cerimonial da ladainha de Todos os Santos, da unção das mãos e cabeça do Sagrando, da imposição das mãos pelos bispos. A medida que as cerimônias se iam desenvolvendo, maravilhas se operavam na alma do Sagrando: viu-se cumulado de novos poderes espirituais, e elevado à plenitude do sacerdócio.

Findos os atos litúrgicos, D. Quirino, discorrendo sôbre a grandeza do poder episcopal, apresentou suas felicitações ao bispo recém-sagrado e desejou-lhe um feliz apostolado.

Como fêcho das solenidades, D. Filipe, paramentado e munido das insígnias episcopais, percorreu solenemente a ala principal do templo dando sua primeira bênção de bispo ao clero e fiéis. Foi um momento de grande vibração interior, acompanhada de sentimentos de gratidão e reconhecimento para com Deus pelos prodigios operados em seu servo D. Filipe.

Chegando à porta principal desfez-se a austeridade do cerimonial. Houve um corre-corre geral; a multidão radiante e orgulhosa com "seu" nôvo bispo, cercou a D. Filipe para apresentar-lhe

a beijar-lhe o anel, pedimos ao primeiro bispo de Caravelas a sua bênção episcopal, fazendo votos que Deus lhe conceda as graças e uma saúde de ferro para bem dirigir e administrar sua diocese.

D. Filipe! Que seu espírito apostólico faça reboar no berço de nossa Pátria, o seu convite: "Venite et Videte". E que esta voz tenha eco e consiga reunir os Sul-baianos em redor de Seu Pastor a ensinar-lhes as maravilhas de Cristo e sua Igreja.

Um observador.

SALVE

O PRIMEIRO

BISPO de

CARAVELAS!

D. Filipe Tiago Broers nasceu a 13 de julho de 1916, em Oosterblokker, Holanda. Ingressou na Ordem Franciscana em 1936, sendo ordenado sacerdote em 1943.

Os três primeiros anos de sua vida sacerdotal dedicou-os à cura-de-almas em sua Pátria.

Terminada a segunda guerra mundial foi destacado para o Brasil onde desempenhou suas atividades sacerdotais nas paróquias de Corinto, Cavalcante, Guiricema e Carlos Chagas. Em 1957 foi nomeado vigario da Paróquia de N. S. de Fátima em Teófilo Otôni, cargo o foi encontrar a escolha para bispo.

A diocese de Caravelas foi criada a 15 de dezembro de 1962. Desmembrada integralmente da diocese de Ilhéus, e constituida pelos municipios do sul da Bahia. Sua superficie é de 26.924 km2, com aproximadamente 270.000 habitantes

---

Recordação da Infância

Era tarde. O sol já se punha no horizonte, tôda a natureza estava com semblante triste, doloroso. O tempo andava vagarosamente, era hora de os passaros dormirem e os homens descansarem. Eu, sentado na soleira da porta, lembrava-me dos meus tempos de criança, lembrava-me dos tempos em que corria pela calçada alegre e sem importar-me com ninguém, corria e cantava, assobiava e pulava.

Quando ia para a escola com os livros debaixo dos braços corria e várias vêzes trombava-me com alguns homens, mas logo me escondia na porta da primeira casa.

Ch! quantas vêzes chegava atrasado e encontrava o portão da escola fechado, e ao invés de voltar triste, voltava alegre, a passos curtos, e parava em tôdas vitrines para olhar.

Também alguns dias ao voltar da escola, parava para ver algum camaleão, e só chegava em casa muito tarde, pois quando começava admirar tôdas as coisas que êle tinha, o tempo passava qual uma seta.

Que saudades eu tenho da minha infância, quando brincava na calçada, quando despreocupadamente jogava bolinha com meus colegas, todos nós riamos quando um errava. Sim! que saudades eu tenho daquele tempo em que brincar era a nossa vida, nossa alegria, nosso prazer!

Às vêzes minha irmã me chamava para contar uma história, ou para brincar de pique. Quando nós iamos fazer algum pic-nic levávamos uma sacola de merenda, e nadávamos, corriamrs e brincávamos. Ali não pensávamos em nada a não ser em nos divertir.

Mais alegrias tinha eu quando faziamos pic-nic no Rio Grande, la pelo mês de dezembro, nas férias, o rio ficava cheio de praias e de peixes.

Ah! que saudades eu tenho de minha infância.

Jorge Nacif Nicolau - 2a série.

Um desastre

José Leonel — 2ª série

O sol despontava no horizonte, quando um ônibus partia de Várzea da Palma em demanda a Belo Horizonte.

A estrada que tomamos era muito poeirenta, de modo que quando o ônibus passava, não se via nada do que ficava para trás.

A estrada cortava uma mata muito densa. De vez em quando margeava um rio, outras vêzes beirava campos ou montanhas.

No começo a viagem ia calma e serena. Depois de haver andado algumas horas, um veículo nos ultrapassou, provocando muita poeira. O nosso chofer, por imprudência, quis passar na frente do outro veículo. Os dois carros nesta disputa em grande velocidade deixavam verdadeira cauda de poeira, pelo caminho afora.

lhos e um trabalhador a espalhá-los pelos buracos. O veículo que ia à frente desviou-se dêle fàcilmente. O mesmo não aconteceu com o nosso. O chofer por causa da poeira, não viu o monte de cascalhos a não ser a distância de cinco metros.

O chofer tentou desviar-se dêle, mas bateu num barranco, o que fêz o ônibus perder a barra da direção indo ao encontro de um outro barranco que ia aumentando pouco a pouco. O ônibus parecia querer virar lentamente, mas de repente ouve-se um barulho, como se o mundo estivesse acabando e o ônibus virou. Gritos de dores encheram os ares. Dentro do ônibus uns caíam sôbre os outros, machucando-se mùtuamente. O chofer tentou acalmar as pessoas, mas em vão, cada qual gritava mais, porque as dores iam aumentando

Ninguém morreu, mas muitos saíram feridos

Duas horas mais tarde veio um outro ônibus que nos socorreu, levando-nos até a cidade de Corinto.

Já pensou nisso?

De que nos adianta chorar diante da imagem do Cristo morto, se choramos cômodamente instalados e vestidos, às vêzes até com o estômago exageradamente cheio, enquanto outros cristos ao nosso lado morrem sem casa. . . sem alimentos. . . sem roupas. . . sem nossa solidariedade. . .

Os pobres não querem Assistência Social. Querem Justiça Social!

Não devemos só falar contra a injustiça social ou o comunismo. O principal é agir contra êles.

Se todos que, no mundo inteiro, se dizem cris-

fogo ou jogo?

—... Vamos apagar o fogo?

— Jôgo? Ah! é... hoje tem um jôgo bom. Vamos.

* * *

Mas o caso era outro, era mais sério. Não era jôgo, era fogo. A montanha estava encimada por uma espêssa e negra corôa de fumaça.

Uma fila de "heróis" já grimpava pelo morro acima. Pés descalços, pés calçados coleavam vagarosamente pela estreita senda.

Mais acima os pés se misturavam e automàticamente se dirigiam para os ramos verdes da mata, os únicos neste tempo cruel e implacável.

O fogo, auxiliado pelo vento, devorava com voracidade o capim sêco.

Contudo, depois de pouco tempo, outra fila já estava formada paralelamente: pés queimados, olhos a arder, suor escorrendo, misturado à cinza negra.

Pés avançavam, debatiam-se convulsamente, queimavam-se e se retiravam em debandada.

As fôrças naturais em contorção eram mais fortes, mais rijas, mais inflexíveis: fogo, vento, fumo e sol uniram-se para pôr em fuga precipitada a ala inimiga.

Mas outra fila descançada substituia a primeira na luta contra o inimigo comum e afinal conseguira impor-se e percorreram, pesadamente, mas com orgulho, o campo de batalha.

Agora êles voltam em fila, não como subiram: subiram pálidos, medrosos, mas descem pretos, suados, maltratados, macerados, trazendo os indícios de uma missão cumprida.

* * *

— Uai!... Mas você não foi apagar o fogo?!...

— Fogo? Que fogo?! Onde? Eu não sabia!

x x x

Não. Não era fogo. Era música, era jôgo!

PEGA ÊLE!

Marcelo B. - I cl.

Ruazinha estreita, quase tôda devorada por um silêncio sepulcral.

Um automóvel, um bonde passando à distância, quebram de vez em quando esta monotonia.

Trevas da noite tomam conta pouco a pouco, desta viela.

Escureceu. . .

Distingue-se um vulto. . . outro. . . três, quatro.

Um estampido de tiro, outro e mais outro. . .

Reina silêncio!

Cochichos nervosos e interrogativos avolumam-se por todos os cantos das trevas. Grande confusão começou.

Que acontece no meio desta confusão? Nem chego a saber, quando uma pessoa dispara de dentro do povo em louca correria, e atravessa a ruazinha afundando-se na escuridão.

Entra agora na Avenida Rio Branco, já ofegante, passando por entre carros, bondes, trólibus; atropelando pessoas, provocando assim uma balbúrdia danada.

Não queria saber de coisa alguma, a não ser fugir.

— Pega êle! assassino! bandido! é o que saia da bôca da multidão.

Entra num beco, sai n'outro, atravessa ruas, passa avenidas, atropela transeuntes, e lá vai como doido, sem dar bolas a coisa alguma.

—Matei, pensava consigo mesmo. Como pude fazer uma coisa destas? Será verdade?

Sim era mesmo. Naquela rua, naquele silêncio, naquela escuridão intensa, jazia o corpo do desgraçado que matara por uma insignificância.

Deixando-se dominar pela fadiga e por aquêle mêdo de ser pêgo pela multidão, cai quase desfalecido

escuridão com velocidade vertiginosa.

Descem do carro do 12º distrito da polícia, dois vultos metidos em seus capotes pretos, colocam no carro o celerado que acordara o silêncio das ruas, com suas batalhadas.

Aos poucos a multidão parece retornar a calma: a justiça cumpriria seu dever.

Constrangido no fundo do carro policial, entregue à solidão e às trevas, os mais sinistros pensamentos invadem-lhe a cabeça:

— Matei! eles me prenderam! tudo acabado...

O C. M.

Carta de um missionário da Indonésia

PAGAL (FLORES), 6 de junho de 1953

Meus confrades e meus seminaristas de Santos Dumont:

Viva! Viva! Até que enfim recebi um "sinal de vida" do meu seminário! Um cartão de natal e duas pencas de cartas. Gente, vocês não imaginam a alegria que me causaram com êsses papéis escritos. Mataram uma ninhada de saudades que não me queriam sair do coração e me deram um soprão tão forte no fogo de meu ideal missionário que aquilo virou labareda. A todos agradeço, sensibilizado por êsse confôrto.

Já estou aqui em Flores, jogado na ativa, com a responsabilidade de oito mil almas a levar para o céu, mais um ginásio a supervisionar, um pré-seminário a fundar e duas línguas a aprender. Gostei de ler que meu seminário continua progredindo, com a bênção do Altíssimo, em número de vocações, em ciência,

sionária me pesa sôbre os ombros, repito espontâneamente: "Tudo pelos nossos seminários."

Estou aqui em Flores, onde sou vigário da paróquia de Pagal. Vim buscar espinhos na Indodésia e. . . fui cair em Flores! Flores fica mais ou menos a 1.500 km. de Jacarta, o que significa uns 18.000 km. longe de Santos Dumont.

Cá estou de rôvo nas montanhas. Sou filho das montanhas: nasci sôbre os peraus de Vila Fão; virei frade nas gargantas de Daltro Filho; lecionei nas ondulações da Mantiqueira. . . e agora sou missionário nas serras do Manggarai. Terra menos verde e menos formosa do que Java, terra dificílima de trabalhar, com um povo todo especial, primitivo e pobre no seu habitat e subsistência, mas adiantado na cultura e rico no coração. Arrojado e valente como um gaúcho, amável e jeitoso como um mineiro. Ah! em dois tempos me senti em casa nestas paragens! E continuo quase o mesmo frei Inácio de Santos Dumont, o mesmo contador de histórias, rodeado de gente miúda. E, quando me faltam as palavras para exprimir tudo o que quero, pego na gaitinha e me abro na linguagem que todo o mundo entende: a música. Só vendo que alegria! os rostos se abrem deixando brotar grossas filas de dentes branquinhos, numa risada das mais francas. Há crianças que começam a pular de surprêsa ao ouvir minha gaitinha. Muitas nunca viram um objeto tão rico na sua vida. Terminado o êxtase musical, os mais espertinhos costumam pedir: Por acaso o senhor pode cantar para nós um cântico do Brasil? E lá vou eu cantando. . .

Após minha chegada, passei as primeiras três semanas a aprender a língua da região: o manggarai. Mais bonita do que a oficial - (indonésio) - mas difícil de se aprender. E o pior é que ainda não existe nem gramática nem dicionário. É preciso aprender escutando e falando com o povo.

Agora o futebol! Parece até praga. Nada menos de 32 times do município disputaram um campeonato no campo de Pagal. É ainda uma espécie de "Arranca-Tôco x Quebra-Canela", mas é futebol no duro. Essa febre já pegou no mundo todo. . . mas o campeão. . . só mesmo o Brasil!!!

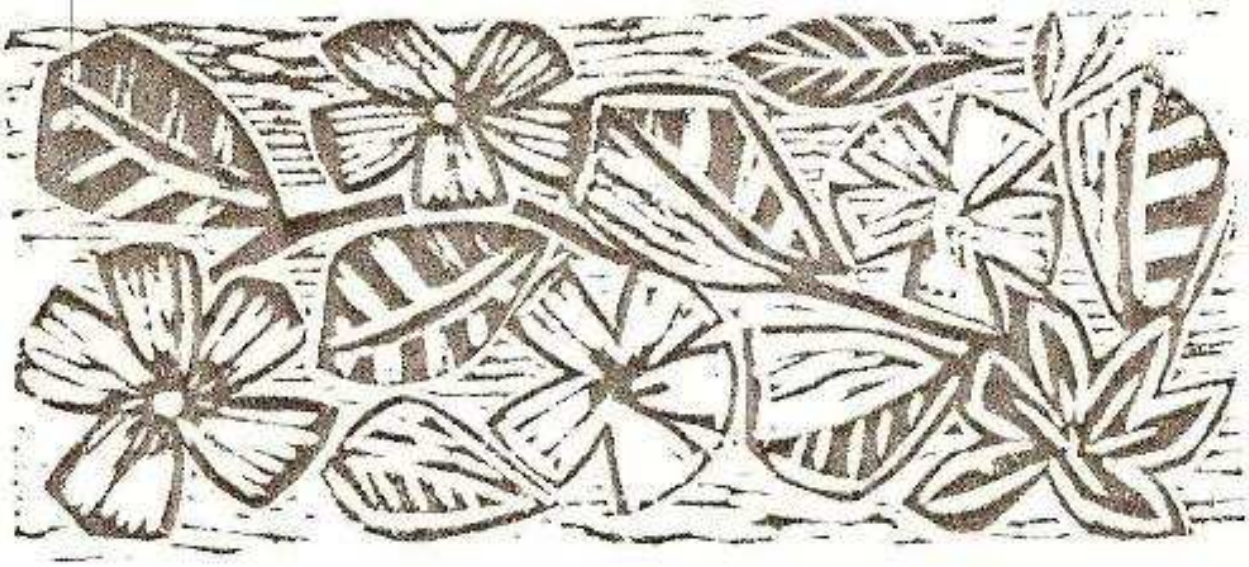
pagão fetichista até 1930. Agora há 170 000 católicos (75% da população). Mas que católicos! Seria melhor chamá-los de "pagãos bonzinhos". São católicos do estilo de nossos macumbeiros do Brasil. A maioria dêles ainda bebe uma espécie de "água de Papai João", e fazem seus despachos, oferecendo um frango ou leitão aos espíritos "prá afastar o mau olhado". Cá e lá, tal qual. Mas é gente boa tôda vida! Dizem que Flores é uma das missões mais agradáveis do mundo. Só pena que somos tão poucos os missionários. Aqui no Manggarai apenas quarenta. A instrução dos fiéis temos que deixar por conta de leigos, que também não sabem muito

Envai, Senhor, operários. . . que a messe está bonita e vale a pena.

Carissimos, o tempo é pouco; vou terminando.

Um abraço bem sacudido a todos.

Frei Inácio Dresch O.F.M.
Pastorum Katolik
Pagal (Ruteng)
Flores
INDONÉSIA



O plano já era velho, mas ainda não tinha sido realizado. Não importam os motivos, basta saber que, com um esfôrçozinho conseguimos realizá-lo.

— Mas que plano é êsse? Como o realizaram?

— Bem, o plano é intercâmbio, uma troca de idéias com outros seminaristas, um alargamento de horizontes. Para saber como o realizamos basta reconstruirmos os fatos:

No dia 24 de agôsto, à tarde, partiu para Congonhas uma turma de sete alunos, acompanhados por frei André, - Iam conhecer o Seminário Redentorista de lá, conhecer o pessoal, trocar idéias com êles, ver e aprender.

Chegamos ao seminário, por volta das 17 horas, cansados pela estafante subida. Em pois tempos já estávamos ambientados Os alunos de lá nos colocaram a vontade. O jantar correu sob o clima da mais alta cordialidade e de conversas ininterruptas, coisa que se esperava, pois tínhamoa tanta coisa para contar e ouvir.

Após o jantar passeamos pelo pátio, sob um céu estrelado, em vários grupos e bem misturados. Discutimos os mais variados assuntos interessantes: O seminarista na atulidade, Grêmio, etc. Com êles ficamos até 22 horas.

No dia seguinte, de manhã, houve uma pequena reunião para explicar-nos como funciona o Grêmio dêles. O sistema de lá é bastante diferente do nosso, sendo difícil de se estabelecer uma comparação.

Estando em Congonhas não podiamos deixar de dar uma olhada nas obras do Aleijadinho, a grande atração turística de Congonhas. Guiados por um seminarista de lá iniciamos a nossa visita às sete estações da via-sacra. As estátuas estão dentro de uma espécie de capelinhas, de resistente construção. O cicerone pareceu-nos entendido no assunto, e durante a nossa excursão deu-nos interessantes esclarecimentos sôbre Aleijadinho. Aproveitamos a oportunidade e troccamos com êle as nossas modestas apreciações.

Mereceram atenção especial os profetas, também de Aleijadinho, plantados à entrada da Igreja do Senhor Bom Jesus. Têm uma admirável perfeição de traços, e são bem proporcionais, ao contário das estátuas da paixão, que eu, e os

Mas foi o próprio artista que as fêz assim, para realçar a crueldade daquele povo. É pena que o tempo já tenha deixado vestígios nas estátuas. Mas também elas estão ao ar livre, sem nenhuma proteção, sujeitas às intempéries do tempo.

Visitamos também a sala dos milagres, sala abafada, espécie de «arquivo» dos milagres atribuidos ao Senhor Bom Jesus. Quando se entra nesta sala, parece qre se entra em um museu desorganizado. Realmente, pois pelas paredes estão pendurados retratos com inscrições, muletas, mãos e pés de cêra, etc.

Não deixamos de apreciar as pinturas em estilo "barroco" da Igreja do Senhor Bom Jesus.

No almôço os visitantes foram homenageados com alguns cânticos, mas a melhor parte devia caber ao nosso chefe Frei André. Disto não se esqueceu o Pe. Dalton, que solenemente fêz-lhe a entrega de uma grata recordação dêste memorável encontro. Bastou-nos ver a lembrança, que por sorte estava desembrulhada, para cairmos na gargalhada. Assim passou o almôço.

A tarde fomos conhecer-nos pelo lado esportivo, por uma partida de volei. O jôgo foi ótimo, mas o tempo pouco, e tivemos que interrompê-lo, pois já estava na hora de voltarmos.

Arrumamos ràpidamente as coisas, tomamos um lanche, e começou a despedida. Foi meio dificil apertar a mão do todo o mundo, no entanto conseguimo-lo, com um pouquinho de esfôrço.

Tomamos então o rumo de casa, cheios daquele contagiante entusiasmo que tinhamos presenciado durante um dia; contentes também por termos sido bem sucedidos naquela tão útil e urgente troca de idéias. Partimos deixando-os com a obrigação de nos devolverem a visita.

E mais uma vez, neste recanto de A Alvorada agradecemos à Direção do Seminário São Clemente aos Seminaristas Congonhenses pela fraternal acolhida que nos deram.

Osmar Tonholi — 1º clássico

DE retalhos

(Crônicas do Seminário)

Finalmente estamos no começo do fim do ano letivo de 1963.

— E daí?...

— E daí, "A Alvorada" deseja e quer mesmo que você seja bem-vindo as suas páginas de Crônicas. E, às vêzes, ela faz com que você seja "bem-vindo" a ela um pouco "forçado". Mas desculpe-a, e colabore bem de perto com ela! tá?!

Dia 27 - Foi mesmo de espantar a qualquer vivente, a maneira como muitos foram transportados de casa para o Seráfico hoje. Uns chegaram de ônibus, outros de bicicletas, vespas, a cavalo e de outros bichos e até daquele de "orelha grande".

Dia 28 - Na tarde da manhã, todos se dirigiram para a frente do Seráfico para assistir a um "joguinho", aliás um jogaço dos "néo-chegantes". O jôgo ia ser irradiado pela ZYK 7, rádio que pela primeira vez levou aos ares suas transmissões, mas o locutor estava gripado, então a transmissora se calou por um pouco, e continuou-se a partida.

Por entre a neblina que caia sem parar, a pelota ia entrando no quadro e os goleiros tombando no gramado, e isso até o fim do partida.

Agôsto

Dia 1° - Após tanta peleja de Frei André e do sr. Pedro Martins, êles conseguiram quase o impossível: montar aquela enorme máquina tipográfica que, há tanto, esperava fôrças e coragem necessária para o seu reajustamento.

Dia 2 - Em homenagem aos novos postulantes (3° clássico) e a nossa Senhora de Porciúncula, caíram duas aulas.

A êste curso que hoje inicia seu postulantado, os nossos parabéns, e que sejam muito felizes no mesmo, são os votos de todos os seminaristas.

Dia 5 - Aula de canto.

Com a colaboração de Frei Joel, tivemos ocasião de ouvir uma aula de cantos litúrgicos. O que deixou na memória de cada um, algo da beleza litúrgica, tanto pelos cantos que o mesmo frei cantou conosco, como pela gravação do Lucernario, coleção de cantos para a Santa Missa, para a manhã e para a noite.

Por meio desta revista, frei Joel, os seminaristas e superiores desejam que o senhor possa sempre continuar com as aulas litúrgicas e por fim um grande muito obrigado.

Dia 8 - A maravilha, o encanto de hoje foi a linda missa "versus populum", com um comentador e, seguida em tôdas as partes por cantos litúrgicos, de beleza sem par, e com uma fascinanre procissão do ofertório e comunhão geral. Esta foi uma das inovações realizadas em nosso seminário, o que será realizado tôdas as terças e quintas feiras, à tarde, e com o seguinte ponto interessante: é facultativa sua assistência.

Esta foi a primeira, mas, valeu a pena! Não houve quem não gostasse! Esplêndido!

Dia 14 - Desde cedo, via-se fumaça mais fumaça sôbre o pico dos elevados maciços a leste do Seráfico. Não havendo suspeitas, ficou tudo "azul" até bem tarde, isto é, até à tarde. . Quando de repente nós, os jogadores do Tapuia e adversários, ouvimos gritos de S.O.S., de uns "bombeiros", que para aplacar as altas linguas de fogo, usavam galhos de pau de todo o tamanho. . .

O fogo já queimara a testa do morro do seminário. . . Imediatamente, organizou-se uma fila cerrada de atletas e guris que unidos, (a união faz o fôrça) exterminaram as hercúleas

partida futebolística, que foi arbitrada pelo sr. Dr. Pardal de Corinto e outros cooperadores.

A partida foi dura! . . . 2x1. O time que ganhou, foi o que fêz os 2!

Dia 19 - Filosofia — segundo o bacharel e acadêmico Bonfim Maior, a educação do individuo começa cem anos antes do nascimento dêste.

Dia 21 - Com o primeiro piquenique do semestre, comemoramos a magnífica passagem desta quarta-feira.

Dia 22 - O Ademir, olha para um frei e pergunta-lhe "muito sentido": "É verdade que o Cadê ficou em casa?"

— É, porque?

— "Que pena!" Eu gostava tanto de dar-lhe umas chineladas de vez em quando! ! !

Dia 23 - Chega, à tarde, o nosso prezado Frei Válter, que com sorrisos e acenos jubilosos nos saúda.

Nem hesita em atrasar um pouco seus estudos teológicos, para nos servir e nos "catequizar".

A êste grande benfeitor de estudos, os parabêns de todo o bloco seráfico.

Dia 25 - Dia Mundial da Santa Infância. O setimanista Pedro Athos dos Santos Barbarroxa, ao ver chegar uns pacotes de balas-de-bico para o Tachinha, de cabeça baixa e muito comovido, diz, assentando no calcanhar: Que vontade de ser nenê! Quantos bicos o cristão ganha!

Dia 26 - Pela segunda vez no corrente semestre, com grande surprêsa geral, o eximio organista Arnaldo Pires, fêz a barba hoje; pois vai dia dez próximo vindouro executar alguns números na cidade, e já se prevenu contra a "fidelice" (de Fidel C.)

Dia 24 - Um menor, desconfiando da sabedoria, ou melhor, confiando na sabedoria do Funerário, pergunta-lhe o significado de " Antistiti".

Este, bem posudo, explana o caso da seguinte forma:

— A terminação "ite", designa doença, mas como é usado

Dia 1º - Após várias inspeções minuciosas feitas por frei Marcos, êste grande cientista descobriu que seu cão, o Tupi, galopeia o bandido, ou o assaltante, mas só se êste estiver roubando ôsso, ou coisa que valha, do contrário, dorme calmo, ao doce olhar da lua. . .

Dia 3 - Um rapaz de Abaeté, descobriu que a cozinheira recém-chegada ao nosso Seráfico, tem os olhos "um pouco fora da caixa".

Dia 6 - Grande é a lufa-lufa preparatória para as grandiosas festividades que ocorrerão nos dias 9 e 10 próximos. No entanto as aulas continuam normalmente, . . . e. . . segundo a U.P.I. reina a paz em todo o país.

Dia 7 - Na hora da bênção, entrou pela porta lateral, uma madame, já idosa, que ao descobrir a pia de água benta, lavou a testa, a nuca, o pescoço, na frente, e após persignar-se com tôda rapidez, e fazer um "tremelique" como de quem quer se genufletir, disse, olhando para o sacrário:

"Vinde senhõ purificá o resto, que a água foi pouca. . ."

Dia 9 - Quem assistiu, mas, só quem assistiu com os próprios olhos, aos festejos da chegada de Frei Germano, sabe dizer como foi solene!

Um fazendeiro na frente, de motocicleta com uma "Miss" na garupa! Um Cardeal, lá de Roma, com seu secretário próprio! Um "deputado" e algumas "religiosas" fervorosas! Foi ainda isso tudo completado por um belissimo filme americano.

Espetacular!!!

Dia 10 - Hoje é dez de setembro!

Quem sai da cama e olha, do dormitório, o páteo, vê sòmente um jardim de flores e enfeites que cobre todo o panorama! E tudo isso, o que é? Homenagem!. . . Homenagem ao Frei Germano!

A missa solene, com tôda a pompa celebrada pelo Frei Jubilar, com enormes fileiras de candelabros luminosos, sôbre o altar e junto dêste, numerosos vasos floridos. . .

As solenidades estavam tôdas à altura do nosso grande cerimoniário.

Cidade!... A grande e empolgante peça teatral, "Do tamanho de um defunto! ... Cantos em inglês! ... Este programa visou mostrar ao nosso Frei jubilar, nosso amor, nossa abnegação, nosso desejo imenso de vê-lo sempre mais feliz e mais bem disposto.

Parabéns, Frei Germano, por tantos anos que o senhor nos tem ajudado, como o grego, francês...

Dia 11 - Ressaca, bem merecida, e de todos esperada há muito tempo.

Tiramos os enfeites, e com uma limpeza rápida, aprontamos o seminário para o nosso Retiro Espiritual que terá início hoje à noite.

Dias 12, 13 e 14 - A pregação de Pe. Dálton, nos mostrou como encontrar o Cristo no outro, como rir, como mostrar otimismo até no sofrimento e nas dificuldades. Ver o bem até em nossas faltas. Por fim disse pessoalmente: "É meu desejo que todos vocês riam, sorriam, e dêem gargalhadas e se sintam felizes e sejam otimistas."

Dia 16 - O Lampião, vendo pelas pregações do Retiro que não devíamos pagar o mal com o mal ao levantar, sua cabeça chocou-se fortemente contra a quina de uma janela, e, logo ia dar-lhe um murro com tôda fúria, mas, sorrindo meio estridentemente, disse, olhando para a janela: agradece ao meu retiro, e afagando-a com a mão, a deixou intata...

Dia 17 - A Alvorada, quer apresentar um rol de nomes importantes, seja pela grandeza do nome ou de seus atos:

Heleno - embaixador cotidiano no quarto de frei Marcelo.
Ademir - Amenta-rádio, e chinelo para os...
J. Bosco - tôrre de Pisa
Amábile e Dione - amigos ao longe (gato e cão)
Sétimo ano - amigo da sôpa.
Todos - adoradores do grego.
Juca - Miss cicleta
Bastião - o surdo "às coisas dêste mundo".
Minhoca - crítico diatribico.
Torrão - English do amanhecer ao pôr do sol.
Caeli - lutador de puxa-cabelos e agarra-unhas.
J. Henrique - saborosa.
Brás Morais - "acorda-tudo" com motor.
Cordeiro - flauta mágica.

REDAÇÃO

Moderador: Frei André Grings O. F. M.

Redator: Antônio Vicente.

Tipógrafos: Osmar - Nicolau - Abílio e A. Matos.

Cronista: Lélio L. Lanes.

Xilógrafos: frei Davi e Marcelo.

Serígrafos: frei Davi - Gonçalo - Roldão - Maurinho - Vicente Eustáquio - Messias - Aureli - Nivaldo.